

UNESC – UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL

**AS MULHERES TRANSEXUAIS E A CULTURA: UMA REFLEXÃO A
RESPEITO DE SAÚDE MENTAL.**

Maria Eduarda Fernandes Pacheco

Criciúma

2014

UNESC – UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL

**AS MULHERES TRANSEXUAIS E A CULTURA: UMA REFLEXÃO A
RESPEITO DE SAÚDE MENTAL.**

Maria Eduarda Fernandes Pacheco

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido na
UNESC – Universidade do Extremo Sul
Catarinense como exigência para a conclusão da
Especialização em Saúde Mental, orientado pelo
Prof. Ms. Sergio Leonardo Gobbi

Criciúma

2014

**Dedico este trabalho aos meus pais e aos meus irmãos,
que sempre foram fonte de inspiração e luta para mim.**

AGRADECIMENTO

Agradeço profundamente a Deus por ter me ensinado a ser perseverante nas maiores adversidades. Meus sinceros agradecimentos ao meu namorado Lucas Zanette Petersen por todo apoio e dedicação nos momentos mais difíceis e por ser um parceiro ímpar nas lutas e nas conquistas.

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador Sérgio Leonardo Gobbi por ter acreditado neste trabalho desde o início e por ter me possibilitado a finalização desse sonho.

Obrigada a todos que de maneira direta ou indireta participaram desse processo!

***“Ser um homem feminino, não fere o meu lado masculino.
Se Deus é menino e menina, sou masculino e feminino”
(Pepeu Gomes)***

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a constituição da identidade de um homem que se transvesti de mulher, bem como, a relação cultural como meio da construção dessa identidade e a relação com o conceito de saúde mental. Entender a construção dessa identidade e de que forma isso pode afetar, ou não, a saúde mental desse indivíduo como um todo, é parte fundamental do processo para que se consiga diminuir o preconceito e inserir – de forma justa – essas pessoas na sociedade.

Palavras-chave: Identidade Cultural. Transexuais e Saúde Mental.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. TRANSEXUALISMO E IDENTIDADE CULTURAL	10
1.1. Identidade e cultura	10
2. TRANSEXUALISMO: ASPECTOS CORRELATOS DE SUA SAÚDE MENTAL ...	19
3. QUANDO O HOMEM DO ESPELHO NÃO SE REFLETE NA IDENTIDADE	24
4. CONCLUSÃO.....	27
5. REFERENCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

O Transexualismo de acordo com a American Psychiatric Association (APA, 2002) é considerado Transtorno da Identidade de Gênero e pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993) como F64.0 que corresponde ao diagnóstico de Transexualismo. Este transtorno, dentre outros fatores, faz com que a pessoa sinta uma forte e persistente identificação com o gênero do sexo oposto, bem como, um grande e contínuo desconforto de atuar no gênero de seu próprio sexo, a ponto de sentir-se inadequado quando exerce este papel. Este transtorno acaba trazendo alguns prejuízos no funcionamento social e/ou ocupacional em algumas áreas da vida do indivíduo.

O termo “transtorno” é usado por toda a classificação, de forma a evitar problemas ainda maiores inerentes ao uso de termos tais como “doença” ou “enfermidade”. “Transtorno” não é um termo exato, porém é usado aqui para indicar a existência de um conjunto de sintomas ou comportamentos clinicamente reconhecível associado, na maioria dos casos, a sofrimento e interferência com funções pessoais. Desvio ou conflito social sozinho, sem disfunção pessoal, não deve ser incluído em transtorno mental, como aqui definido (OMS, 1993, p. 5).

A identidade sexual é construída a partir das vivências que os seres humanos possuem. De certa forma, a sociedade exerce sobre nós um dos maiores estímulos para que esta identidade seja aos poucos lapidada e reforçada. Alguns autores acreditam que os órgãos genitais não são estímulos suficientes para que um homem exerça o seu papel masculino e uma mulher o papel feminino. Afirmam ainda, que o estímulo da sociedade é tão forte, que seria capaz de, em uma situação de perda do órgão sexual no início da infância, lapidar essa criança a portar-se de forma que fosse adequada ao novo papel sexual.

Logo depois de você nascer, esses esquemas, ou estruturas mentais, começaram a formar-se no seu cérebro, baseados na observação, treino, percepção e na sua própria experiência de si mesmo. Você recebeu os contornos da sua família imediata; primeiro da sua mãe, depois do seu pai, irmãos e irmãs, ou de quem quer que participasse das suas relações daquela época; à medida que você foi se expandindo, a influência passou a vir de segmentos mais amplos da sociedade. Um desses esquemas lhe diz o que esperar de si mesmo e como relacionar-se com os outros membros do seu sexo. O outro lhe diz o que esperar e como reagir às pessoas do sexo oposto que o cercam. Juntos, esses esquemas definem em grande parte a sua identidade e papel sexuais (MONEY; TUCKER, 1981, p. 79).

O Transexualismo ou Transtorno da Identidade de Gênero é discutido por profissionais, para que se compreenda melhor este fenômeno de constituição do Ser. Independente da nomenclatura usada para distinguir o transtorno, sabe-se, inicialmente, que ocorre uma diferença entre o órgão sexual de um indivíduo e sua identidade sexual. Muitas teorias foram publicadas para que esse processo fosse explicado.

Toda a evidência disponível leva à conclusão de que essa escolha incompatível foi dirigida por sinais encobertos da sociedade, geralmente representados pela mãe na primeira fase na vida pós-natal. Se existe algum fator genético ou hormonal, pré ou pós-natal que predisponha algumas pessoas ao Transexualismo, a pesquisa científica ainda não foi capaz de identificá-lo (MONEY; TUCKER, 1981, p. 81).

Segundo a APA (2002) o Transexualismo pode ser observado em homens e mulheres, havendo uma pequena prevalência entre os homens. Sendo assim, meu objetivo principal foi de conhecer como se constitui a identidade do homem que se transveste de mulher. É o foco desta pesquisa teórica cujo tema, versa sobre questões socioculturais de sua formação e da relação com a Saúde Mental. Afinal, o Transexualismo tem sido motivo de discussão durante muitos anos. Enquanto algumas pessoas o defendem como apenas um modo de levar a vida, especialistas o tratam como um transtorno mental ligado à sexualidade. Dentre tantas discussões e opiniões, há algo em comum: o interesse pelo modo como esta transformação ocorre.

O ser humano constrói a sua identidade através das vivências obtidas ao longo da sua vida. A sociedade nos ajuda a construir o gênero e a nos fortalecer como homens e mulheres. Desvendar como se constitui a identidade de um homem que se constrói internamente como uma mulher, ou o contrário, é fundamental para iniciar o processo de entendimento dessa mudança.

As pessoas querem e buscam uma sociedade mais justa, mas se esquecem de que uma sociedade é composta por diversos tipos de indivíduos que têm suas particularidades. Acabam por não lembrar que existem regras, normas de condutas e convivência para que consigamos ter uma relação – no mínimo – plausível para se conviver em paz.

Estima-se que possa haver diversos fatores sociais, econômicos, familiares, entre outros, que levam esses indivíduos ao Transexualismo. Com a

possibilidade de conhecer melhor este universo, abre-se este processo de discussão realizado nesta monografia.

1. TRANSEXUALISMO E IDENTIDADE CULTURAL

1.1 IDENTIDADE E CULTURA:

Há muitos anos ouve-se falar em Transexualismo e suas implicações na vida das pessoas e nas relações sociais. Uma série de termos e conceitos são utilizados desde então para tentar compreender melhor de que forma é constituída a identidade de um ser humano que nasce no corpo de um homem e sente-se mulher, ou vice-versa. "O termo Transexual foi usado inicialmente por Harry Benjamin, em 1953, que analisou vários aspectos da sexualidade e concluiu que o homossexual tem um problema sexual, o travesti tem um problema social e o transexual tem um problema de gênero" (FANG RG; CHEN TJ; CHEN TH, 2003 apud FRANCO, 2010 p. 430).

O transexualismo não é um fenômeno novo. As formas como esses sujeitos lidam com a estranheza que o corpo e seu gozo provocam em todo ser falante, marcadas pela reação de repulsa ao corpo próprio aliada à certeza de serdo outro sexo, têm guiado vários autores em suas considerações teórico-clínicas sobre este fenômeno. Ainda que o termo "transexualismo" tenha surgido em 1953, o mal-estar relativo à sexualidade sempre existiu como marca estrutural do ser falante. De exemplos mitológicos de androginia a histórias de hermafroditismo, travestismo e emasculação, o desejo de mudar de sexo também esteve presente em diferentes épocas e culturas, tendo sido, no século XIX, objeto de estudos psiquiátricos e da literatura médico-libertina (FOUCAULT, 1978 apud RINALDI, 2011 p. 444).

Entender como se pode conceituar identidade e o processo de construção da mesma é algo complicado devido a inúmeros fatores que podem influenciar nessa formação. Muitos pesquisadores sociais vêm se empenhando para que esse conceito seja formulado de modo que consiga *congregar* as diversas opiniões.

Catão e De Farias (2014) relembram a grande história do cenário literário brasileiro de "Grande Sertão: Veredas" de Guimarães Rosa, onde o personagem principal veste-se como homem e acaba por despertar a paixão de outra mulher, cuja tristeza maior foi não poder concretizar esse amor, visto que as duas eram do mesmo sexo. Desta forma, percebe-se que há muitos anos no Brasil, já se comenta de forma clara a existência do Transexualismo e da suas nuances nas relações interpessoais.

Segundo Jacques (1998, p. 159), "[...] diferentes concepções tentam explicar como nos tornamos humanos a partir das compreensões diversas sobre

natureza humana. Além da Filosofia, a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia têm se dedicado à temática”. Afirma ainda que o conceito de identidade tenha se alterado porque, com o passar dos tempos, mudam-se os conceitos do “eu” que as pessoas da sociedade possuem de si mesmas. O conceito do “eu” individual e o do ideal desta individualidade ficou mais forte à medida que o ser humano aprendeu a internalizar seus sentimentos e passou a olhar para dentro de si, numa atitude introspectiva.

A referida autora afirma não ser possível explicar a formação da identidade humana sem constatar a influência das relações interpessoais, e, ainda, a influência direta e/ou indireta dos diversos fatores sociais, econômicos, culturais, religiosos – dentre outros – que interferem neste processo.

Quando se referem ao conceito de identidade, os autores empregam expressões distintas como imagem, representação e conceito de si; em geral, referem-se a conteúdos como conjunto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio (JACQUES in JACQUES; STREY, 1998, p. 160).

Ainda segundo as autoras supracitadas (1998 p. 160), “a identidade pode ser representada pelo nome, pelo pronome ou por outras predicções como aquelas referentes ao papel social”. Também ocorre que a identidade pode ser melhor explicada se for vista de forma fragmentada, ou seja, subdividida em categorias como: identidade pessoal – da qual diz respeito as características que são natas do indivíduo – e identidade social – que envolve todos os âmbitos que cercam este indivíduo na sociedade.

Habermas (1990 apud JACQUES, 1998, p. 161), “refere-se a ‘identidade do eu’ que se constitui com base na ‘identidade natural’ e na ‘identidade de papel’ a partir da interação dessas, através da igualdade com os outros e da diferença em relação aos outros”. Dessa forma, acredita-se que a identidade constrói-se e é construída a partir da relação intrapessoal e interpessoal. Cada ser humano é capaz de ajudar a construir a identidade do outro, contribuindo com suas próprias vivências e com sua maneira de se relacionar com o meio através dos papéis que se desenvolve. Independente do papel a ser desenvolvido. No caso da inversão de gênero do Transexualismo (homem para mulher), muitos papéis femininos vivenciados de forma extremamente significativa na vida da criança, pode vir a ser

um dos fatores da construção dessa identidade que não condiz com a genética masculina.

A forma como as pessoas adquirem conhecimentos e vivências se diferenciam pelo modo como essas relações são construídas e como conseguem compreender os laços relacionais de acordo com as suas individualidades (JACQUES, 1998).

Ela ainda afirma, que a linha que separa a identidade pessoal e a identidade social é muito tênue, possibilitando assim, que se compreenda que as duas em muitos momentos possam vir ser uma só, de modo que o ser humano consiga ser construído e construir a própria identidade ao mesmo tempo.

[...] é possível compreender a identidade pessoal como e ao mesmo tempo como identidade social, superando a falsa dicotomia entre essas duas instâncias. Dito de outra forma: o indivíduo se configura ao mesmo tempo como personagem e autor – personagem de uma história que ele mesmo constrói e que, por sua vez, o vai constituindo como autor (JACQUES in JACQUES; STREY, 1998, p. 163).

A identidade pode ser usada para diferenciar um ser humano dos demais, assim como igualá-lo a um determinado tipo de grupo; ou seja, as características que constituem este indivíduo podem ser usadas para que ele seja reconhecido como único, mas podem fazer com que ele se encaixe em algum outro grupo de indivíduos com semelhantes características. Ainda assim, assegurar essas diferenças – ainda que possam vir a ser pequenas – pode ser uma forma de garantir que as pessoas consigam adquirir a consciência de quem são verdadeiramente (JACQUES, 1998).

Identidade: 1. Conceito que cada indivíduo tem de seu corpo no espaço, em relação ao meio social ou intelectual. 2. Características físicas e mentais pelas quais um indivíduo é conhecido e reconhecido. 3. Paridade absoluta * Não use "identidade" *Anton. (3): *dessemelhança* (SACCONI, 1996, p. 380).

Segundo Ciampa (1998, p. 127), a identidade é um processo de transformação. Ela não está estagnada e precisa de uma constante mudança. O autor relata ainda, que esta mudança ocorre de acordo com as relações que são construídas entre os personagens que constituem a sociedade, ou seja, os seres humanos. Em função disso, articulam-se as igualdades e diferenças fazendo com que as relações pessoais e sociais consigam construir a identidade através do outro.

Desta forma, fica praticamente impossível dissociar a construção da identidade das relações na sociedade. Uma implica diretamente na outra. Ao longo dos anos a sociedade foi construída e ajudou a construir todos os indivíduos, de modo que nos faz pensar o porquê algumas pessoas possuem preconceito com os Transexuais, visto que a própria sociedade contribui para que as identidades sejam formadas dessa maneira.

Segundo o mesmo autor, inicialmente as pessoas acreditam que a identidade é algo fixo, imutável. Porém, tendo uma visão mais generalista, percebe-se que ela vive uma mudança constante. Inicialmente pode-se fazer do nome algo que diferencie a identidade. Mas, com o passar do tempo, são os papéis que são assumidos que passam a dizer quem as pessoas são de verdade. É como se fossem montados pequenos personagens que atuariam em algumas peças. Para Ciampa (1998, p. 134), “um nome, efetivamente, nomeia uma personagem”. Atrelado ao nome e a necessidade de compor-se como um personagem, entra nessa questão da identidade a importância do corpo e de todos os seus significados. Que, aliás, no Transexualismo é o ponto chave do desconforto com a própria forma de coexistir.

A importância da apresentação corporal na atualidade como parte a construção do “eu”, pois o homem não apenas possui um corpo, ele é esse corpo. Inicialmente, a ideia de corpo perfeito era ligada à moral, mas hoje é cada vez mais frequente o aparecimento do corpo como forma de comunicação social (GOES, 1999 apud PRÓCHNO; NASCIMENTO; ROMERA, 2009, p. 238).

Refletindo na questão citada anteriormente por Ciampa (1998) observa-se um fato que ocorre no Brasil. Apesar da Constituição Federal (1988) garantir direitos de igualdade a todos os cidadãos brasileiros, não fica garantido o direito da troca do nome no documento de identidade de uma Transexual. Com isso, ainda apresentando uma aparência e identidade feminina, a Transexual em questão, necessita obrigatoriamente continuar utilizando de forma oficial o nome masculino. Se Ciampa (1998) acredita que o nome é parte integrante e importante para que um ser humano reconheça a própria identidade; ou seja, seu personagem, fica estabelecido neste momento mais um conflito na vida das Transexuais.

Os autores Catão e De Farias (2014) reconhecem o retrocesso em que vivemos com o nosso Código Civil onde – de fato – ainda não se reconhece a devida importância de correlacionar o nome com a escolha de gênero do Transexual.

Muitos outros motivos são aceitos quando solicitado troca de nome em documento de identidade e registro de nascimento, no entanto, é alegado que mesmo que há a inversão do sexo por ordem cirúrgica, biologicamente a estrutura permanece.

Nessa discussão, cumpre destacar que a Lei de Registros Públicos foi produzida à luz do antigo Código Civil, de ordem puramente individualista e patrimonialista, o qual tratava o nome como ostentação do patrimônio familiar, olvidando o seu verdadeiro propósito de reconhecimento no meio social. Mas, o novo Código Civil, em consonância com a Constituição de 1988, consagra o princípio da socialidade, contrapondo-se aos parâmetros da legislação civil de 1916, fazendo com que o nome transcenda a mera função de perpetuação das estirpes patriarcais, privilegiando-o como reconhecimento da identidade subjetiva de cada cidadão (CATÃO; DE FARIAS, 2014 p. 13).

Ou seja, na maioria dos casos, além de terem que lidar com a insatisfação de estarem em um corpo que as mesmas não se reconhecem, precisam ainda, continuar utilizando seus nomes de batismo, gerando – muitas vezes – uma série de dificuldades de relacionamento com o meio, inclusive problemas laborais. Para Bunchaft (2013, p.232) alguns avanços vem sendo conquistados, sobretudo no sul do país. Segundo ela, “na década de 1990 a jurisprudência do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, passou a decidir favoravelmente em relação à admissibilidade da modificação do registro do transexual redesignado”.

Sobre a influência que a cultura exerce sobre a nossa identidade, Mathews (2002, p. 25) diz que: “Está claro que cultura tornou-se, em parte, uma questão de gosto pessoal; até certo grau parece que nós pegamos e escolhemos culturalmente quem somos na música que ouvimos, na comida que comemos e, talvez, mesmo na religião que praticamos”. Porém ele relata que essa escolha pode não vir a ser assim tão livre. As pessoas sofrem influência direta de aspectos como a gênero, idade, situação financeira, dentre outros. Sem falar da sociedade em que elas vivem e das diversas opiniões das pessoas que se relacionam direta e indiretamente com elas.

Refletindo sobre a questão da identidade criada através das semelhanças entre grupos, Tajfel (1983, apud GOUVEIA-PEREIRA, Maria et AL, 2000, p. 192) afirma que: “A identidade social constrói-se através das comparações sociais entre o grupo de pertença e os outros grupos considerados relevantes ao nível das dimensões – atributos e características grupais – que permitam uma diferenciação positiva do ingroup”.

Segundo Strey (1998), a discussão sobre esta questão do gênero não era algo muito claro no meio social e/ou científico. As questões que eram discutidas limitavam-se a dar detalhes apenas sobre o sexo, mas não levavam inteiramente a construção dos gêneros humanos. Foi preciso que ocorresse uma reformulação na Psicologia Social – dentre outras ciências – para que se conseguisse chamar a atenção e o foco para este tema tão importante. Outro fator que contribuiu para que esta mudança ocorresse, foi a luta dos movimentos feministas atuantes do século XIX, estes lutaram incansavelmente para que as mulheres conseguissem conquistar um lugar de respeito e visibilidade na sociedade.

Esse movimento teve suas origens em vários acontecimentos: na revolução norte-americana, quando John Stuart Mill reivindica para as mulheres as promessas da Declaração de Independência; na Revolução Francesa, com a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã redigida por Olímpia de Gouges em 1791 (inspirada na Declaração dos Direitos do Homem) e “A Reivindicação dos Direitos da Mulher” de Mary Wollstonecraft de 1792, um dos seus documentos fundacionais, que sem outorgar direitos a mulheres, proporcionaram as bases conceituais e teóricas que permitiram a luta pela igualdade de direitos políticos e educativos. Abriu-se um espaço público às mulheres no qual puderam manifestar-se, ainda que o discurso e as práticas feministas se mantivessem calados durante um longo tempo (JACQUES in JACQUES; STREY, 1998 p. 181).

Segundo a autora supracitada, sexo e gênero são duas coisas muito diferentes, mas que por vezes, são facilmente confundidas. Sexo diz respeito às características fisiológicas do ser humano, características estas que foram determinadas pelos cromossomos sexuais, hormônios e as gônadas, que são os responsáveis pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais internos e externos, bem como das características sexuais que se desenvolvem apenas na puberdade. Para que fique mais bem definido é importante que se conheça o conceito de puberdade e suas implicações. Desta forma, Guimarães e Costa Passos (1997 p. 264) afirmam que:

Considera-se como adolescência o período da vida compreendido entre 10 e 20 anos de idade, onde ocorrem rápidas, variadas e amplas transformações nos indivíduos. Esta definição, baseada exclusivamente na faixa etária, pode excluir pessoas que já apresentem algum grau de amadurecimento físico antes dos 10 anos de idade, uma vez que o desenvolvimento pubertário, por estar vinculado a fatores genéticos e ambientais, apresenta grande variação no que diz respeito às idades de início e de término, ritmo, intensidade e inter-relação entre os seus fenômenos. Portanto, o estágio de desenvolvimento pubertário representa alternativa muito melhor do que a idade cronológica para se analisar dados relativos ao

amadurecimento global dos jovens e para definir com mais precisão as suas patologias.

Strey in Jacques (1998), diz que o sexo biológico com o qual nascem às pessoas não se torna responsável em momento algum, pelo o que elas virão a ser; ou seja, quais os comportamentos que elas terão, seus gostos pessoais, vontades, estilos ou até mesmo, a sua personalidade. A autora acredita que essas características, vêm de como as pessoas se socializam com o mundo que as cerca durante toda a vida.

Os seres humanos têm diferenças sexuais, mas, de maneira semelhante a todos os outros aspectos de diferenciação física, elas são experienciadas simbolicamente. Nas sociedades humanas, elas são vividas como gênero. [...] Gênero está relacionado às diferenças sexuais, mas não necessariamente às diferenças fisiológicas como as vemos em nossa sociedade (JACQUES in JACQUES; STREY, 1998, p. 183).

As mesmas afirmam que, para ratificar que gênero independe da característica sexual física, basta que se compreenda que ser homem ou ser mulher depende da cultura em que se esteja inserido e do conceito que a sociedade possui dos papéis femininos e masculinos. “Assim, para conhecer-se como são as mulheres, socialmente construídas, faz-se necessário saber sobre os homens, socialmente construídos” (JACQUES in JACQUES; STREY, 1998, p. 184).

Scott (1995 apud JACQUES in JACQUES; STREY, 1998), relata que o ser humano possui uma grande capacidade de abstração e que em função disso, consegue criar e recriar símbolos que, juntamente com a história pessoal e cultural, auxiliam na construção da idéia que cada um possui sobre gênero.

Desta forma, o conceito de gênero é construído quando se pensa em qualquer que sejam os sistemas envolvidos na relação e interação entre sujeito e mundo. A Psicologia Social, principalmente a linha histórico-crítica, tem se dedicado a este estudo que visa compreender o porquê das diferenças de gênero serem geradoras de exclusão e discriminação social (JACQUES in JACQUES; STREY, 1998). Da mesma forma, a Psicologia Social acredita ser extremamente necessário compreender o porquê a sociedade que ajuda a gerar os indivíduos de maneira diferente, compele o “diferente” como sendo algo fora da sociedade. Ainda é muito difícil quantificar a discriminação social, por ser um fenômeno – muitas vezes – que se camufla diante do cotidiano, porém, tem surgido uma série de pesquisas que

tentam compreender a construção desse contexto cada vez mais gerador de doenças emocionais.

A discriminação é, há muito tempo, um tema fascinante e frustrante para os cientistas sociais. Fascinante por ser um mecanismo poderoso, subjacente a muitos padrões históricos e contemporâneos de desigualdade; frustrante por ser evasivo e difícil de medir. Mais de um século de interesse das ciências sociais na questão da discriminação produziu inúmeras técnicas destinadas a isolar e identificar sua presença e a documentar seus efeitos. Talvez mais do que qualquer outro tema nas principais linhas de pesquisa sobre a desigualdade, aquele voltado para a discriminação tem se preocupado tanto com métodos como com conteúdo. (PAGER, 2006 p. 65).

Existe uma série de formas de discriminação. Algumas são um pouco mais visíveis e outras se dissipam nos comportamentos um pouco mais sutis, não deixando de ser uma forma de segregar pessoas e comportamentos. A discriminação por conta do gênero é uma das mais visíveis no meio social.

Para Strey in Jacques (1998) o gênero depende diretamente da cultura em que os indivíduos estão envolvidos. De certa maneira, os papéis que homens e mulheres costumam desenvolver mudam de acordo com a sociedade em que os mesmo estão inseridos. Outro fator que chama a atenção é que os fatores sexuais secundários quase não são diferenciados antes da maturação sexual, inclusive, em algumas sociedades, nem mesmo depois dela. Porém na sociedade ocidental as pessoas costumam levar em consideração essas diferenças.

Assim, em certas culturas podem chegar a existir até quatro gêneros, dependendo de quando é determinado o início e o fim da vida reprodutiva: crianças (que parecem semelhantes), adultos homens e mulheres (que parecem diferentes) e velhos/as (que voltam a parecer semelhantes). Há variantes culturais no gênero adulto, onde a preferência sexual pode criar outros papéis de gênero ou as pessoas podem trocar o gênero, ou mesmo adotar os papéis procriativos do outro gênero. Colocar o foco somente nas diferenças sexuais é ignorar a criatividade cultural (JACQUES in JACQUES; STREY, 1998, p. 187).

Percebe-se então, com as contribuições das autoras, que não é o sexo que determina os papéis e nem mesmo o trabalho na sociedade, devido ao grande número de símbolos que as sociedades formam para caracterizar esses papéis como tipicamente femininos ou masculinos.

Money (1988 apud CARDOSO, 2005, p. 421), diz que:

[...] o conceito de *identidade de gênero/papel* (IG/P) como um conceito abrangente que define o ser a partir de categorias como macho/fêmea ou intersexo, masculino/feminino ou andrógino, bissexual ou monossexual

(heterossexual ou homossexual) no âmbito pessoal, social e legal. Para Money o conceito de IG/P enseja a consciência pessoal e a convicção do indivíduo a respeito do sexo ao qual acredita pertencer.

Strey in Jacques (1998), afirma que a Psicologia não só busca compreender as diferenças que envolvem os gêneros masculinos e femininos, bem como, quais seriam os determinantes causadores destas diferenças. Depois de compreender as diferenças entre esses gêneros, faz-se necessário que se busque sempre pesquisas que entendam a inversão deles de acordo com o sexo da pessoa. Já se consegue perceber que os fatores são múltiplos, mas compreender como ocorre essa mudança pode ajudar a desmistificar uma série de pré-conceitos criados pela sociedade.

Ter o direito de viver como se quer, é uma questão defendida por lei e faz com que repensemos a nossa incapacidade de compreender aquilo que nos foge às regras e aos padrões. Para Bunchaft (2013, p. 283):

O direito à vida, à integridade psicofísica e à saúde constituem o trinômio que informa o livre desenvolvimento da personalidade e a salvaguarda da dignidade da pessoa humana. Esse princípio é determinante em qualquer questão de biodireito, estando previsto no artigo 1º, inciso III, da Carta Magna, como um valor fundamental sobre o qual se funda a República. O direito à busca do equilíbrio do corpo-mente está ancorado no direito à saúde e no direito à identidade sexual que integra um aspecto da identidade pessoal.

Pensando nesse contexto, a carta magna garante o direito de cada um buscar uma forma de criar e adequar-se a sua identidade como uma forma de garantir saúde física e mental.

2. TRANSEXUALISMO: ASPECTOS CORRELATOS DE SUA SAÚDE MENTAL

Segundo a AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA, 2002) já na infância, pessoas com Transtorno da Identidade de Gênero, começam a demonstrar a troca de papéis, ou seja, a criança começa a se interessar por brincadeiras e por objetos que caracterizam o sexo oposto, demonstrando assim um indicativo de que a inversão do gênero começa a ser estabelecida.

A identidade é apreendida, segundo a perspectiva aqui desenvolvida, através da(s) representação(ões) de si em resposta à pergunta 'quem és'. Esta representação não é uma simples duplicação mental ou simbólica da identidade mas é resultado de uma articulação entre a identidade pressuposta (derivada, por exemplo, do papel social), da ação do indivíduo e das relações nas quais está envolvido concretamente (JACQUES, 1998, p. 165).

Ainda segundo esta associação (2002), para que haja o diagnóstico de Transtorno da Identidade de Gênero, deve-se observar alguns sinais e sintomas. Estes já começam a se manifestar ainda na infância. Aliados a esses sinais e sintomas, uma série de critérios diagnósticos precisam ser satisfeitos. Não basta apenas que a criança apresente alguns sinais na infância para que seja – de fato – diagnosticado como Transtorno de identidade de gênero.

Desde as brincadeiras infantis, os meninos que desenvolvem um Transtorno da Identidade de Gênero começam a demonstrar uma ligeira preferência por brincadeiras mais femininas como brincar de casinha e de bonecas e, até mesmo, a de usar acessórios e roupas femininas, como laços no cabelo, saias e outros adereços. Estes meninos não são atraídos por brinquedos ou brincadeiras tipificadas como masculinas, como os carrinhos; nem tão pouco, interessam-se por brincadeiras que implicam o uso de força ou violência. Ao participarem de brincadeiras tipicamente femininas, estes garotos, preferem desenvolver um papel sempre mais feminilizado. É observado também, que esta criança pode desenvolver uma grande aversão ao próprio pênis e pode querer que no lugar do órgão masculino se instale uma genitália feminina.

Já nas meninas, o Transtorno de Identidade de Gênero pode ser observado quando elas possuem um trajeito tão masculino que podem, inclusive, ser confundidas com meninos. Isso porque, geralmente, preferem o uso dos cabelos curtos e não suportam a idéia de usarem roupas femininas – principalmente em

público. Estas meninas possuem grande interesse em atividades e brincadeiras masculinas e podem, também, apresentar uma repulsa pelo órgão genital.

Nos adolescentes, os critérios de identificação podem ser tanto os infantis quanto os dos adultos, isso vai depender da maturidade de cada indivíduo. Mas o que pode ser observado muitas vezes é um isolamento social ou rejeição pelos seus pares, levando em conta ainda, a identificação pelo sexo oposto e tudo o que lhe atribui.

Já nos adultos, estes sinais e sintomas ficam mais claros e evidentes, uma vez que os adultos possuem condições de aderir claramente ao papel que preferem desenvolver. Quando infantes ou adolescentes, precisam seguir uma série de normas e regras, geralmente de ordem familiar, que podem os impedir de assumirem a forma a qual se identificam. No entanto, depois de adultos ou quando conquistam uma autonomia financeira que permita que possam assumir – de fato – seus desejos de identidade, podem até mesmo apelar para intervenções cirúrgicas, aplicação de hormônios, entre outras opções. Segundo a Resolução do Conselho Federal de Medicina nº. 1652/02 publicada no D.O.U. de 06 de novembro de 2002, in Franco (2010 p. 426):

As operações para a transgenitalização tiveram o seu início histórico em 1970, quando Edgerton publicou sua técnica que utilizava os tecidos do pênis e da bolsa escrotal para configurar uma genitália externa feminina aproveitando, inclusive, a glândula para simular um colo de útero. O inconveniente maior era a necessidade de dois tempos cirúrgicos. No Brasil, as primeiras operações para mudança de sexo foram realizadas por Roberto Farina, e publicadas em 1975 com o seguinte título: “Transexualismo: do homem à mulher normal através dos estados de intersexualidade e das parafilias” apresentando resultados muito interessantes.

Já em 1971, no Brasil, ocorre no Brasil a primeira cirurgia de mudança de sexo. Mesmo tendo sido denunciado, processado e condenado em todas as instâncias pelo Conselho Federal de Medicina, o médico Roberto Farina realizou o procedimento que foi pioneiro para o reconhecimento da necessidade que algumas Transexuais possuem em mudar de sexo. No entanto, até 1997 as cirurgias de Transgeneralização eram proibidas e os médicos poderiam ser denunciados nos Conselhos por Lesão Corporal. Desta forma, uma série de Transexuais Brasileiros viam-se obrigados a procurar outros países para a realização das cirurgias em questão. Atualmente essas cirurgias são realizadas – algumas em caráter experimental – apenas em hospitais universitários. Com exceção da cirurgia de

neocolpovulvoplastia (sexo masculino para o feminino), que pode vir a ser realizada fora do espaço acadêmico (CATÃO; DE FARIAS, 2014).

Segundo os autores Giongo; Menegotto e Petters (2012) para muitos Transexuais, não existe a necessidade de fazer a cirurgia da inversão do sexo, para muitos deles, utilizar hormônios e conseguir alterar algumas formas desse corpo, já são o suficiente para que se consiga ficar satisfeito consigo.

A visão do senso comum considera que tanto travestis quanto transexuais fazem parte de um grupo mais amplo, abarcando também homossexuais. Essa categorização incorre numa confusão entre o que chamamos de orientação do desejo sexual (com as práticas sexuais correspondentes: homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade) e as identidades de gênero (a percepção de si como homem, mulher, travesti, transexual). Ambas as categorias (travestis e transexuais) identificam a si próprias como mulheres, vítimas de um erro da natureza, tendo nascido com um corpo trocado: alma de mulher em corpo de homem. A diferença entre elas seria que, para as transexuais, segundo a medicina, haveria o aparecimento precoce do sentimento de pertencer ao outro sexo e o desejo de fazer a cirurgia de troca de sexo (ZAMBRANO, 2006 p. 138).

Os homens portadores do Transtorno da Identidade de Gênero geralmente podem ser atraídos sexualmente tanto pelo sexo masculino, quanto pelo sexo feminino. Ou podem ainda não sentir atração sexual por nenhum dos dois sexos. Já as mulheres portadoras do transtorno, a maior parte delas, são atraídas somente pelo sexo feminino. Entretanto, não se podem descartar os casos excepcionais em que mulheres portadoras do Transtorno da Identidade de Gênero sentem-se atraídas também pelo sexo masculino. É importante ressaltar que não existe, teste ou exame laboratorial e/ou médico que consiga diagnosticar por meio de cromossomos, sangue ou qualquer tipo de genética o Transtorno da Identidade de Gênero.

Cardoso (2005), afirma que travestir-se pode ser o ato de usar vestimentas e acessórios do sexo oposto, porém, dependendo da cultura e do símbolo que fora criado, isso pode vir a ser, ou não, algo ligado ao prazer sexual. Segundo Francoeur (1995 apud CARDOSO, 2005, p. 422) “Em um sentido mais clínico, travestir-se significa vestir-se com roupas do outro sexo com propósitos de entretenimento, ou ainda, viver o papel homossexual ou parafílico para acomodar algum nível de conflito de gênero”. No entanto, percebe-se que apesar de ser uma forma de acomodar conflitos, Tranvestir-se não significa necessariamente que a pessoa tenha a Inversão do Gênero como Transtorno. Outras pequenas nuances a serem resolvidas, talvez.

As travestis gostam de se relacionar sexualmente e afetivamente com homens, e não se reconhecem como homens homo-orientados. No entanto, buscam parecer-se fisicamente com uma mulher através do uso de silicone e de uma série de técnicas corporais que as distanciam dos padrões masculinos, demonstrando também comportamentos femininos, sem esquecerem, em contextos específicos, que são homens e que devem agir como tais. De maneira geral, as travestis buscam uma adequação de seus corpos de homens às suas práticas e desejos sexuais, reproduzindo, em suas relações conjugais, os papéis sociais de esposa/esposo, com a expectativa de que seu parceiro também se adapte a esse modelo (PELÚCIO, 2006 apud GIONGO; MENEGOTTO; PETTERS 2012 p. 1002).

Benjamin (1966 apud CARDOSO, 2005), afirma que os homens que têm comportamentos tais quais aos das mulheres, podem ser subdivididos em 3 categorias: A primeira seria dos homens que se vestem como mulheres apenas por diversão. Estes fariam isso por um curto espaço de tempo, podendo até mesmo ser apenas por uma noite. Estes seriam também, heterossexuais e poderiam até mesmo ser casados e/ou ter filhos. O segundo grupo seria formado por homens que já estariam passando por um estado de transição entre a transexualidade e o Travestismo. Seriam homens que possivelmente estivessem emocionalmente confusos e passariam por mudanças corporais e externas que pudessem se aproximar mais com o corpo feminino. Contudo, a castração, isto é, a cirurgia para readequação não seria cogitada. Já o terceiro grupo é caracterizado como o que ele chama de “Transexuais verdadeiros” (termo utilizado pelo autor), cujos conflitos na questão do gênero e sexual seriam tão fortes que a presença do órgão sexual masculino seria motivo de nojo, repulsa e ódio.

Categoriza esses indivíduos de forma diferente: No primeiro grupo, ele conta, estariam indivíduos sobre os quais já perceberam desde muito cedo – na infância – que não possuíam um gênero condizente com seu sexo. Ele relata que seriam crianças mais solitárias e caladas e que na puberdade não eram tipicamente ativos sexualmente e, ainda, tinham a sua orientação sexual um tanto vulnerável a mudanças. Relata ainda, que esses indivíduos não possuem características muito afeminadas e que “Grande parte da sua psique está tomada pelo desejo de travestir-se [...]” (FRASER 2003 apud CARDOSO 2005, p. 423).

No segundo grupo estariam os homens que são nitidamente afeminados, ou seja, possuem muitos traços femininos. Esses homens, mesmo que estejam vestindo roupas masculinas, são facilmente identificados por serem muito extrovertidos, por terem a sua orientação sexual muito bem definida. Eles se

assumem e se reconhecem como apenas homossexuais. Já os que compõem o terceiro e último grupo são identificados porque a sua “identidade transgênero” (termo utilizado pelo autor) aparece de forma tardia. São de uma forma geral, heterossexuais e se vestem como mulheres apenas para suprir um desejo fetichista. “Aqueles que assumem o processo de transformação para mulher podem eventualmente se transformar em bissexuais” (FRASER, 2003 apud CARDOSO, 2005, p. 423).

O que Cardoso (2005) tenta explicar em sua tese, é que tanto os Transexuais como os Travestis são mulheres ou homens - como no caso dos indivíduos investigados na presente pesquisa – que possuem uma grande identificação com o sexo oposto e uma confusa visão da sua própria condição e da diferenciação entre seu sexo e seu gênero. Desta forma, procuram vestir-se e portar-se como o sexo oposto, porém o que difere os Transexuais dos Travestis – segundo ele – seria o motivo pelo qual esta adequação é feita.

3. QUANDO O HOMEM DO ESPELHO NÃO SE REFLETE NA IDENTIDADE

Crescer tendo a certeza de que seu sentimento não se encaixa com a imagem vista no espelho, pode vir a ser um dos maiores conflitos ocorridos na vida de um ser humano que possua o Transtorno de Identidade de Gênero. Nem todas as lutas externas, todos os preconceitos e todos os difíceis caminhos que trilham essas pessoas, podem se igualar a imensa dificuldade em não se reconhecerem dentro do próprio corpo.

Existe uma gama de discussões que categorizam o sexo em uma infinidade de categorias. No entanto, em se tratar da disparidade sexo e gênero, Cardoso (2005) afirma que: “O sexo psíquico ou psicossocial diz respeito à reação psicológica do indivíduo frente a determinados estímulos. É aquele em que o indivíduo, realmente, acredita pertencer, sendo resultante do intercâmbio genético, fisiológico e psicológico que se formou dentro de uma determinada atmosfera sociocultural”.

Para Benjamin (1966 apud CARDOSO, 2005), o Travestismo ocorre apenas em homens e estes possuem a necessidade de se vestirem como mulheres de forma mais particular. Assim, fazem isso por um *longo* período na vida, e este ato está diretamente ligado à excitação sexual e ao orgasmo. Neste caso, a maioria das relações constatadas são de homens sexualmente atraídos por mulheres, o que se caracterizaria como uma relação heterossexual. Mas o que ocorre é que o indivíduo que se traveste, na hora do orgasmo, sente-se como se fosse de fato do sexo oposto. “Em geral, o Travestismo é um comportamento que dura toda uma existência, e que raramente conduz ao Transexualismo [...]” (p.423).

Embora possam ser considerados fenômenos diferentes, o Travestismo e o Transexualismo também podem ser percebidos como sintomas ou graduações do conflito de gênero, em que o Travestismo teria um comprometimento menor do gênero masculino e seria mais recorrente, enquanto o Transexualismo teria um comprometimento maior e mais profundo, sendo bem menos freqüente em termos de prevalência (BENJAMIN, 1966 apud CARDOSO, 2005, p. 424).

Cardoso (2005), diz que é como se essa diferença entre Transexualismo e Travestismo fosse baseada em conceitos psicológicos; ou seja, para o Transexualismo seria uma adequação ao que se é internamente e psicologicamente

ao exterior e corporal; e para o Travestismo é uma adequação mais aos prazeres sexuais e aos fetiches.

Jacques (1998) ainda afirma que esta identidade é um conjunto de conceitos que a pessoa possui de si mesma e também, a relação que ela possui com as coisas que a cercam.

Já para Money e Tucker (1981) a identidade não pode vir programada para sermos homens ou mulheres. Sabe-se que nos tornaremos alguém, mas não se pode prever isso antes do nascimento. Somente com os estímulos da sociedade e com as referências que as pessoas vão ter durante a sua vida que a identidade passa a ser construída, elaborada e até mesmo modificada no dia-a-dia.

Segundo os critérios diagnósticos da APA (2002) as pessoas que possuem o Transtorno da Identidade do Gênero podem possuir especificadores como a opção sexual. Podem-se encontrar pessoas com “atração sexual pelo sexo masculino, atração sexual pelo sexo feminino, atração sexual por ambos os sexos, ausência de atração sexual por nenhum dos sexos” (p. 553). Com a adolescência e a puberdade outros sinais começam a se fazer presentes.

A puberdade é o tempo em que as diferenças físicas entre os sexos florescem em sua glória tridimensional. Parece ser a mais óbvia entre as encruzilhadas dos caminhos que levam ao ser homem ou ser mulher. Todavia, do ponto de vista psicológico e comportamental, é um tempo de revelação e não uma encruzilhada. A puberdade aciona os motores do crescimento, da diferenciação sexual, do impulso sexual, mas não muda o curso estabelecido na infância. Quaisquer erros de direção que se revelem na puberdade foram programados muito antes (MONEY; TUCKER, 1981, p. 132).

A adolescência com seus medos e expectativas é uma janela aberta para o conhecimento e a descoberta de si. Com o passar do tempo e das experiências que vão acontecendo começam a ficarem mais claras e aceitáveis as opções e estilos de vida que cada pessoa deseja para si.

Assim como o travesti, o típico transexual homem-para-mulher possui um corpo masculino normal. Ao contrário do travesti, o transexual completo não possui duas identidades sexuais. Sua identidade sexual voltou-se totalmente contra a sua anatomia; ele se considera, nas palavras de muitos Transexuais, uma mulher presa num corpo de homem (MONEY; TUCKER, 1981, p. 32).

Com a chegada da idade adulta, uma maior independência, as Transexuais conseguem assumir mais facilmente as formas que desejam e buscam

os recursos necessários para isto. Podendo inclusive, fazer a cirurgia da mudança total do órgão genital, chamada de “Cirurgia de Redesignação sexual”.

A forma com que os pais criam seus filhos nos primeiros anos de vida é, de certa forma, uma das principais maneiras de formação da identidade das crianças. Quando elas ainda não possuem o entendimento das diferenças sexuais e das características femininas e masculinas, cabe aos mais próximos – que geralmente são os pais – esta orientação.

Por esta ótica, salienta-se que:

Pouco depois de você nascer, seu sexo foi registrado na sua certidão de nascimento, mais um elo na cadeia de identidade sexual. Então foi escolhido o seu nome, provavelmente codificado de acordo com o seu sexo. Seus pais espalharam aos quatro ventos as boas novas da sua chegada, usando o seu nome e pronomes penetrantes tais como “ele” ou “ela”, talvez recorrendo a um esquema de cor rosa ou azul para assegurar-se de que até mesmo estranhos soubessem como reagir a você como menino ou menina. Eles começaram a vestir você com roupas do tipo masculino ou feminino já algumas semanas depois, muito antes de tipos diferentes de calças poderem servir a propósitos distintos. O conceito que eles tinham de você como menino ou menina, respaldado por todas as outras pessoas do seu mundo, constitui-se numa pressão incansável sobre você (MONEY; TUCKER, 1981, p. 78).

Esta citação corrobora com a idéia de que a pressão que a sociedade exerce sobre as pessoas faz com que elas construam as suas identidades. Contudo Money e Tucker (1981) relatam que não adianta depois de certa idade tentar transformar a forma externa se a identidade já fora formada nos primeiros anos da infância. Depois da identidade formada, não se pode querer constituir um novo ser humano. Por isso, fica evidente que é necessário observar toda essa construção da identidade desde os primeiros anos de vida, para que se consiga compreender todos os fatores que levam uma pessoa a ter o Transtorno de Identidade de Gênero. As identidades são formadas das mais diversas e variadas formas, por isso, boas orientações e uma boa estrutura familiar são fundamentais para um crescimento emocionalmente saudável. Até mesmo porque, caso haja algum tipo de Transtorno a criança que possui bons vínculos familiares pode facilmente se adaptar a sua nova realidade evitando assim, uma série de traumas desnecessários. Isto porque a família possui um papel fundamental nesse processo sócio-histórico da construção da identidade e da personalidade humana.

4 CONCLUSÃO

O Transexualismo e o Transtorno da Identidade de Gênero são transtornos sexuais ligados diretamente com o desconforto existente entre a diferença sexual e o gênero, que sentem as pessoas que o possuem. Lembrando que para ser diagnosticado como um Transtorno é necessário que se confirme a presença de perdas, sofrimento e os demais critérios diagnósticos da APA (2002) e da OMS (1993). Essas perdas precisam ser significativas a ponto de apresentarem desestruturas em ambiente pessoal e profissional. Percebe-se que ao longo dos relatos bibliográficos encontrados, o sofrimento e as perdas relacionais encontradas em Transexuais são sempre bem visíveis e recorrentes. Desta forma, a sociedade mostra-se que embora muitos avanços já tenham sido feitos, ainda não se está totalmente preparado para se despir todos os preconceitos. Muitas pessoas que não compreendem essa mudança acabam sendo causadoras de preconceitos, segregação e desvalorização do ser humano como um todo. A ignorância e a falta de conhecimento ainda são grandes aliados desse triste quadro instalado.

Referente à identidade e o gênero concluiu-se que de fato, o Transtorno da Identidade de Gênero começou a apresentar os primeiros sinais e sintomas ainda na infância, depois começa a ficar mais evidente na fase da puberdade e a pressão exercida pela sociedade e principalmente pela família é fundamental na formação desses indivíduos. Dessa forma, fica evidente que a identidade dos seres humanos começa a ser estruturada na infância e aprimorada e modificada ao longo da vida. Por isso, quando formada uma personalidade e suas nuances, torna-se praticamente impossível fazer a inversão do gênero no Transtorno Sexual. O que se observa é que depois dessa identidade formada e consolidada, o que apenas transforma-se são as aparências físicas, para que o ser humano consiga de uma vez por todas, se reconhecer diante dos próprios olhos. Todo esse movimento não é mais para buscar uma inversão, mas sim, uma forma de conquistar aceitação externa e interna.

Espera-se que esta discussão teórica tenha mostrado de forma relevante à importância de os profissionais estarem se dedicando a este tema. Infelizmente ainda não se pode encontrar uma gama de pesquisas que sejam suficientes para que muitas outras faces do Transexualismo sejam discutidas e outras vertentes sejam estudadas. Quanto maior o conhecimento sobre um tema sabe-se que mais fácil se consegue quebrar os preconceitos existentes. No entanto, o que se percebe

é uma repetição de discussões a cerca do tema, nada que possa - de fato, inovar a forma de vislumbrar e conhecer o Transexualismo.

A Psicologia como ciência possui um papel fundamental na construção de conhecimento e na construção de relações sociais. Desta forma, muitos trabalhos podem ser desenvolvidos a cerca do Transexualismo. Pesquisas de campo ainda são mais difíceis em virtude da grande dificuldade que essas pessoas possuem em abrir suas vidas e suas particularidades por causa dos preconceitos, mas pode-se aprofundar muito mais nos relatos históricos e da Psicologia do Desenvolvimento para que se consiga aprender cada dia mais.

Da mesma forma, podem ser feito grupos com as com as Transexuais e Travestis: Grupos de psicoeducação; de prevenção e promoção à saúde; grupos de famílias, para que as mesmas possam servir de base e suporte a essas pessoas; e também, um trabalho junto às comunidades, para que estas compreendam, de uma forma interativa, que as Transexuais são dignas de respeito por parte de qualquer cidadão, e que assim como elas, integram esta sociedade.

A partir do momento que consigamos discutir essa Transformação de forma madura e saudável e compreendermos que todos os seres humanos – nascidos homens ou mulheres – possuem o direito à felicidade, espera-se que possamos crescer enquanto seres individuais e sociais. Sendo assim, poderemos construir uma sociedade mais justa e que agregue a todos de fato e de direito.

REFERÊNCIAS

(APA). AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico dos transtorno mentais**. 4 edição rev. (DSM-IV-TR). Porto Alegre: Artmed, 2002.

BUNCHAFT, Maria Eugenia. A jurisprudência brasileira da transexualidade: uma reflexão à luz de Dworkin. **Sequência (Florianópolis)**, Florianópolis, n. 67, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-70552013000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.5007/2177-7055.2013v34n67p277>.

Constituição da República Federativa do Brasil. BRASIL. Constituição (1988). Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CARDOSO, Fernando Luiz. Inversões do papel de gênero: “drag queens”, Travestismo e Transexualismo. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 Dez 2013.

CARDOSO, Renata Pinto. **Transexualismo e o direito à redesignação do estado sexual**. Jul. 2005. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2164/Transexualismo-e-o-direito-a-redesignacao-do-estado-sexual>. Acesso em: 28. Jan. 2014

CARRET, Maria Laura Vidal et al. Sexually transmitted diseases symptoms in adults: prevalence and risk factors. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102004000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Dez 2013.

CATÃO, Marconi do Ó; DE FARIAS, Camilo de Lélis Diniz; . O FENÔMENO DO TRANSSEXUALISMO SOB ÀS ÓTICAS CULTURAL E JURÍDICA. **Dat@venia**, [S.l.], v. 5, n. 6, jan. 2014. ISSN 1519-9916. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/datavenia/article/view/1903>>. Acesso em: 28 Jan. 2014.

CIAMPA, Antonio da costa. **A estória do severino e a historia da severina: um ensaio de psicologia social**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

FRANCO, Talita et al . Transgenitalização masculino / feminino: experiência do Hospital Universitário da UFRJ. **Rev. Col. Bras. Cir.**, Rio de Janeiro , v. 37, n. 6, dez. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912010000600009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-69912010000600009>.

GIONGO, Carmem Regina; MENEGOTTO, Lisiane Machado De Oliveira; PETERS, Simone. Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 32, n. 4, 2012 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000400017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000400017>.

GOLDMAN, Lee; AUSIELLO, D.A. (Ed). CECIL. **Tratado de Medicina Interna**. 22. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 2v.

GOUVEIA-PEREIRA, Maria et al . Dinâmicas grupais na adolescência. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 18, n. 2, jun. 2000 . Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-8231200000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jan. 2014

GUIMARAES, Jael de Paula; COSTA PASSOS, Afonso Dinis. Análise de concordância entre informações referidas e observadas acerca do estadiamento pubertário entre escolares do sexo feminino. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 31, n. 3, jun. 1997 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101997000300007>.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Identidade. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa; STREY, Marlene Neves. **Psicologia social contemporânea: livro texto**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MONEY, John; TUCKER, Patrícia. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

(OMS). ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE.. **Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento do CID-10. descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Coordenação e Organização Mundial da Saúde; trad. Dorival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993.

PAGER, Devah. Medir a discriminação. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 18, n. 2, nov. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702006000200004>.

RINALDI, Doris. O corpo estranho. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 14, n. 3, set. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142011000300003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142011000300003>.

ROCHNO, Caio César Sousa Camargo; NASCIMENTO, Maria José de Castro; ROMERA, Maria Lúcia Castilho. Body building, travestismo e feminilidade. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 26, n. 2, jun. 2009 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 jan. 2014.

SACCONI, Luiz Antonio. **Mini dicionário da língua portuguesa / Luiz Antonio Sacconi**. São Paulo: Atual, 1996.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 12, n. 26, Dec. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832006000200006>.